

ALARGANDO A ESCUTA: REVISITANDO A CLÍNICA FACE A UMA CULTURA EM TRANSFORMAÇÃO

*André Avelar**

RESUMO

A revisão do pensamento psicanalítico, em maior ou menor grau, sempre acompanhou o processo de seu desenvolvimento. Inúmeros conceitos não poderiam ser produzidos se não ocorresse uma problematização sistemática de sua prática e dos pilares que os balizam. Todavia, ainda hoje, persiste uma série de anacronismos que se configuram como obstáculos poderosos para a construção de um pensamento psicanalítico mais vivo e atual. Pretendo aqui esboçar uma teorização que porte um sentido mais estreito com os fenômenos coletivos contemporâneos, cuja tônica é uma cultura em radical transformação. Meu ponto de partida será o conceito de traumático, com o objetivo de fazer-lhe um recorte e articulá-lo com certos fenômenos da cultura. Entendo que o traumático pode ser tomado como uma espécie de índice para algo que ocorre na sociedade, constituindo-se como uma modalidade de reação frente a ela. Assim, quero ressaltar a dimensão traumática não só como uma expressão do sofrimento psíquico (marcado pela dimensão do transbordamento e do excesso), mas como uma espécie de índice a denunciar a violência de inúmeros imperativos sociais, responsáveis pela produção de efeitos deletérios na vida psíquica.

Palavras-chave: Desmentido, traumático, violência.

BROADENING LISTENING: REVISITING THE CLINIC IN THE FACE OF A CHANGING CULTURE

ABSTRACT

The review of psychoanalytic thinking, to a greater or lesser extent, always followed the process of its development. Numerous concepts could not be produced if there were not a systematic problematization of their practice

*Psicanalista. Membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID). Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

and pillars which mark it. However, even today, a series of anachronisms persists, configuring as powerful obstacles to the construction of a more alive and current psychoanalytic thought. I intend here to draw a theorization that carries a sense with the contemporary collective phenomena, whose tonic is a culture in radical transformation. My starting point will be the concept of traumatic, aiming to make a cut and articulate it with certain phenomena of culture. I understand that it is possible to consider the traumatic as a sort of index for something that occurs in society, as a mode of reaction against it. Therefore, I want to highlight the traumatic dimension not only as an expression of psychic suffering (marked by the dimension of overflow and excess), but as a kind of index to denounce the violence of countless social imperatives, responsible for producing deleterious effects on psychic life.

Keywords: Denial, traumatic, violence.

EN ÉLARGENT L'ÉCOUTE: EN REVISITENT LA CLINIQUE FACE À UNE CULTURE EN MUTATION

RÉSUMÉ

La révision de la pensée psychanalytique, dans une plus ou moins grande mesure, a toujours accompagné le processus de son développement. De nombreux concepts ne pourraient pas être produits sans une problématisation systématique de sa pratique et des piliers qui le balisent. Pourtant, aujourd'hui encore, une série d'anachronismes persistent qui se présentent comme de puissants obstacles à la construction d'une pensée psychanalytique plus vivante et actuelle. J'entends ici esquisser une théorisation qui porte un sens plus étroit avec les phénomènes collectifs contemporains, dont le tonique est une culture en transformation radicale. Mon point de départ sera le concept de traumatisme, dans le but de lui faire une coupure et de l'articuler avec certains phénomènes de la culture. Je comprends que le traumatisme peut être pris comme une sorte d'indice de quelque chose qui se produit dans la société, constituant une modalité de réaction face à elle. Je tiens donc à souligner la dimension traumatique non seulement comme une expression de la souffrance psychique (marquée par l'ampleur du débordement et de l'excès), mais comme une sorte d'indice à dénoncer la violence de nombreux impératifs sociaux, responsables de la production d'effets délétères dans la vie psychique.

Mots-clés: Démenti, traumatisant, violence.

INTRODUÇÃO

A revisão do pensamento psicanalítico, em maior ou menor grau, sempre acompanhou o processo de seu desenvolvimento. Inúmeros conceitos não poderiam ser produzidos se não ocorresse uma problematização sistemática de sua prática e dos pilares que os balizam. Todavia, ainda hoje, persiste uma série de anacronismos que se configura como obstáculos poderosos para a construção de um pensamento psicanalítico mais vivo e atual. Pretendo aqui esboçar uma teorização que porte um sentido mais estreito com os fenômenos coletivos contemporâneos, cuja tônica é uma cultura em radical transformação.

Meu ponto de partida será o conceito de *traumático*, com o objetivo de fazer-lhe um recorte e articulá-lo com certos fenômenos da cultura. Entendo que o traumático pode ser tomado como uma espécie de índice para algo que ocorre na sociedade, se constituindo como uma modalidade de *reação* frente a ela. Assim, quero ressaltar a dimensão traumática não só como uma expressão do sofrimento psíquico (marcado pela dimensão do transbordamento e do excesso), mas como uma espécie de *índice* a denunciar a violência de inúmeros imperativos sociais, responsáveis pela produção de efeitos deletérios na vida psíquica.

Nesse sentido, cabe salientar a problemática confusão na tradução das obras de Freud realizada pela Imago, em que o conceito de recalçamento é comumente traduzido como repressão. Os dois conceitos são distintos; porém, correlacionam-se. A repressão provém da cultura, enquanto o recalçamento é uma das construções psíquicas derivadas da repressão. O objetivo desse paralelo é deixar evidente a indissociabilidade entre as ações coercitivas provenientes da cultura e sua inevitável repercussão na constituição do psiquismo. Naturalmente, inúmeras construções sociais são fundamentais para a vida em sociedade, mas não podemos deixar de assinalar a dimensão de violência que ela porta e dirige a seus integrantes. E, mais ainda, quando essas opressões não são admitidas como tais, seu poder destrutivo é negavelmente maior. Em suma, a tese que busco aqui sustentar é de que certas violências, uma vez não assumidas, portarão uma dimensão de *desmentido social*, produzindo efeitos deletérios na vida psíquica.

Meu objetivo é fazer a análise de alguns desses desmentidos sociais e tomar determinadas formas de sofrimento psíquico como pistas para essas opressões. Busco propor uma reflexão a respeito da ética do analista em tempos contemporâneos; para tal, entendo ser necessário dar voz a tais padecimentos, legitimá-los, tomando-os como reações naturais a formas veladas de violência. Para isso, valer-me-ei, também, de autores de fora do pensamento psicanalítico, de modo a propor um aprofundamento acerca de diferentes modalidades de violência no contemporâneo e suas consequências.

Inicialmente, farei uma breve incursão no pensamento freudiano a respeito da dimensão traumática, enfatizando sua relação com o social. Em seguida, passarei a me valer das contribuições de Ferenczi sobre o tema, mais especificamente da sua hipótese de desmentido, lente para a compreensão de distintas formas de violência não assumidas como tais.

Seguindo esta linha, proporei um diálogo com Butler e Preciado para me ater aos desmentidos sociais contemporâneos e às novas formas de sofrimento psíquico que deles decorrem. Esses sofrimentos resultam exatamente da recusa da cultura em abarcar lógicas não ancoradas em determinados referenciais heteronormativos.

Mais adiante, dialogarei com os pensamentos de Ailton Krenak, Daniel Munduruku, dentre outros autores oriundos dos povos originários. Suas formas de pensar apresentam uma outra perspectiva do *humano*, muito mais ampla, fundamental, para que se crie uma outra ótica em relação ao mundo.

Ao final de nosso trabalho, inspirado pela hipótese ferencziana, denominada como pensamento *utraquista*, busco circunscrever a natureza da epistemologia ferencziana, distinguindo-a do pensamento freudiano. A partir de um pensamento psicanalítico monista, procurarei tecer um outro olhar para o corpo e para sua relação com o mundo. Minha proposta final, dessa forma, seria, com fundamento no pensamento ferencziano, construir-se uma mitologia de origem que não orbite somente em torno do humano, mas, sim, do vivente. Sigamos.

SOBRE A AMPLIAÇÃO DO TRAUMÁTICO NO PENSAMENTO FREUDIANO

À guisa de introdução, cabe aludir brevemente à pré-história do pensamento psicanalítico, mais especificamente aos primeiros casos de

histeria, em que é marcante a presença de uma radical dimensão intensiva no sofrimento das pacientes internadas em Salpêtrière, instituição na França onde Freud atendeu suas primeiras pacientes histéricas. Cabe distinguir aqui o modo de sofrimento presente nos primeiros casos de histeria e no que tal categoria clínica veio a se transformar, derivada de uma narrativa ancorada em uma determinada economia do desejo. O sofrimento evidenciado pelas primeiras histéricas é incomensuravelmente maior e impeditivo, de modo geral, à vida. Cabe aqui tomar tal dimensão intensiva não só como um índice de um determinado imperativo social, mas como uma modalidade de *reação* frente a ele. Essa reação poderia ser pensada como um *retorno do traumático*, daquilo que foi desmentido pela cultura. A radicalidade do sofrimento histérico, em suas primeiras manifestações, apontaria, então, para uma denúncia contra determinada forma de opressão – não assumida enquanto tal.

O INÍCIO DAS GRANDES MUDANÇAS

A partir da grande virada conceitual dos anos 1920, Freud promove uma profunda revisão do dualismo pulsional, culminando na instauração do conceito de pulsão de morte. São inegáveis os ecos dos acontecimentos culturais, em curso naquela época, nas mudanças empreendidas no *corpus* teórico-clínico freudiano. Entre outros, o fenômeno mais importante que ocorria naquele período era a eclosão da Primeira Grande Guerra, um acontecimento sem precedentes na história do ocidente. A onda destrutiva presente nessa guerra aponta uma violência global, em larga escala. Não à toa Freud voltara a se debruçar sobre os fenômenos clínicos do trauma e sua expressão privilegiada, a saber, a compulsão à repetição. Há uma relação indissociável entre esses fenômenos e os acontecimentos coletivos em curso: ambos apontam para um sofrimento que transcende os limites da representação.

Um pouco mais adiante, a partir de seu contato com o fenômeno da *reação terapêutica negativa* – expressão privilegiada da defusão pulsional –, o autor irá caracterizá-la como a *resistência mais obscura e poderosa* ao tratamento. Aqui se evidencia a incidência de uma violência – voltada ao próprio eu – que Freud, até então, relutava em admitir.

Em uma de suas últimas considerações sobre a cultura, face à Primeira Guerra Mundial, Freud assumirá, então de modo mais afirmativo, tal violência, vendo a própria cultura como produtora de *mal-estar*. A civilização – na melhor das hipóteses – poderia barrar a agressividade intrínseca ao humano, mas seria incapaz de impedir o retorno dela para seus membros. A agressividade não escoada se manifestaria, portanto, como um sentimento inconsciente de culpa, exercida pela instância superegógica.

Buscarei, porém, enfocar um outro aspecto do mal-estar: refiro-me à ideia de *domínio* sobre a natureza. A ideia de um desenvolvimento calcado no triunfo sobre a natureza é a grande ameaça à vida na terra nos dias de hoje. Tal situação – que denominarei como um *segundo mal-estar* – será um dos desmentidos sociais a nortear nossa cultura.

Em resumo, o desenvolvimento da cultura não apenas não impediria o mal-estar de seus integrantes, mas sua própria forma de desenvolvimento é a grande ameaça à sobrevivência dos seres humanos e à vida no planeta.

E, voltando à perspectiva da vida psíquica, podemos inferir que o sintoma tem um estatuto mensageiro, uma espécie de sentido antecipatório daquilo que está prestes a eclodir na cultura, caminhando rumo a uma admissão daquilo que, até então, é negado por ela. Acredito que determinados fenômenos não circunscritos ao registro das psiconeuroses (também objeto da investigação freudiana) sinalizam modalidades distintas de reação às oposições presentes no paradigma vitoriano.

São inúmeras as incursões do autor sobre modalidades de sofrimento psíquico cujas marcas são o transbordamento e a ausência de representação. Considerações sobre as neurastenias, neuroses de angústia e articulações do funcionamento melancólico com a anorexia representam exemplos disso. No tocante à última formulação, Freud se vale do termo “hemorragia psíquica” para pensar na lógica melancólica presente no fenômeno da anorexia. Entendo que essa hipótese é absolutamente atual e ainda pouco explorada no pensamento psicanalítico.

Muitas dessas categorias clínicas são esboçadas a partir de disfunções da vida sexual (mais especificamente, o excesso de masturbação, no que se refere à neurastenia; e o coito interrompido, no que se refere à neurose de angústia). Com isso, quero afirmar a íntima relação de interdições que, uma vez não assumidas como tais, também constituirão desmentidos

traumáticos, produzindo efeitos deletérios na vida psíquica. Em outras palavras, certas neuroses derivam exclusivamente de desmentidos sociais e não de funcionamentos psíquicos anormais.

Vejo um paralelo possível entre a neurastenia e as patologias do esgotamento, teorizadas por Han, como também entre as neuroses atuais e o funcionamento psicossomático. Não reduzirei, tampouco, todos esses fenômenos à categoria dos casos-limite, pois entendo que isso consiste no reducionismo de uma multiplicidade de funcionamentos psíquicos, cuja tônica é o transbordamento e a não representação. Prefiro pensar segundo a perspectiva de Green (2024), que pensará a questão dos casos-limite como um grande “continente”, marcado por uma multiplicidade de funcionamentos distintos entre si. Seja como for, cabe salientar que consideraremos tais funcionamentos como modalidades de *reação* que, mesmo portadoras de sofrimento, não precisam ser encaradas sob uma perspectiva deficitária.

Seguindo nosso percurso, agora me debruçarei sobre o pensamento ferencziano para melhor lapidar a ideia de desmentido social.

FERENCZI E SUA ETIOLOGIA DO TRAUMÁTICO

Diferentemente de Freud, Ferenczi não tece sua hipótese acerca da inauguração do psiquismo a partir da experiência do trauma. Para ele, o nascimento, de modo geral, não é trauma, uma vez que existiriam condições ambientais para que tal acontecimento se configurasse apenas como uma experiência episódica de dor e, portanto, não traumática. Para o autor, a inserção na cultura seria uma experiência muito mais penosa do que a experiência do nascimento; se valerá das regras de asseio, da experiência escolar como situações ilustrativas. Essa exigência de adaptação portaria, dessa forma, uma dimensão mais próxima de um sofrimento traumático.

Mas, sem dúvida, o cerne de sua conceituação do traumático articula-se com a ideia de desautorização, em que é vedada a possibilidade de significação da experiência de violência, produzindo, assim, o desmentido traumático. Por conseguinte, o desmentido seria uma desautorização que inauguraria o sofrimento traumático.

O fenômeno traumático e sua derivação clínica, a saber, a clivagem, serão conceitos que servirão para pensar sobre a multiplicidade de

estratégias psíquicas de afirmação da vida, mesmo em cenários difíceis, expressando uma multiplicidade de formas de existência oprimidas sob a égide do desmentido.

Debrucemo-nos agora sobre algumas críticas – inclusive de autores que não pertencem ao campo psicanalítico – centradas na denúncia à opressão de subjetividades não circunscritas aos ideais normativos do gênero.

POR UMA PSICANÁLISE ALÉM DO ÉDIPLO

Na atualidade, a psicanálise é convocada a pensar para além de seus referenciais de origem, mais especificamente o complexo de Édipo. Isso é necessário exatamente por esse conceito estar circunscrito – como qualquer conceito – a uma organização social específica, ao paradigma vitoriano concernente ao momento de inauguração da psicanálise. A atualidade carrega a marca de novas subjetividades não ancoradas à lógica binária e heteronormativa. Essa lógica tem sido despojada de seu pretense caráter de “natureza”, sendo enfocada como uma construção cultural em meio a tantas outras.

Nesse sentido, uma das rotas de colisão, na contemporaneidade, tem se apresentado exatamente entre as construções culturais oriundas da lógica heteronormativa vigente frente às subjetividades não binárias que se afirmam – e denunciam – a repressão por elas sofridas pelo simples fato de não serem orientadas por tal lógica. Essa é, sem dúvida, uma das grandes repressões da atualidade, guardando similitudes com a repressão à sexualidade feminina no início do pensamento psicanalítico.

BUTLER E PRECIADO: DENÚNCIAS À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Butler, ao se aprofundar nas considerações freudianas sobre o complexo de Édipo, faz uma importante distinção entre a interdição ao objeto sexual incestuoso e a interdição a uma determinada modalidade de desejo, vedada exatamente por conta de uma repressão da cultura a outras formas de amor.

A autora questionará o porquê da frequência da escolha pela heterossexualidade, atribuindo à cultura a responsabilidade pela baixa incidência de modalidades não heterossexuais de amor. E Butler (2003) situa essa interdição silenciosa em um momento anterior ao

tabu do incesto, como afirma em: “Com efeito, não é primordialmente o desejo heterossexual pela mãe que deve ser punido e sublimado, mas é o investimento homossexual que deve ser subordinado a uma heterossexualidade culturalmente sancionada” (p. 110).

O conjunto dessas interdições é descrito por Butler como: “vestígios de uma história de proibições sexuais impostas, de uma história que não é contada e cujas proibições buscam torná-la indizível” (pp. 117-118). Isso quer dizer que essa interdição – marcada pelo não dito – tem uma dimensão mais radical, culminando em uma dimensão efetivamente melancólica. A esse respeito, Butler declara: “um homossexual, para quem o desejo heterossexual é impensável, bem pode preservar essa heterossexualidade por meio de uma estrutura melancólica de incorporação” (p. 126).

E, mais adiante, Butler completa:

A recusa do investimento do desejo e objetivo homossexual conjuntamente, recusa esta tanto impingida pelo tabu social como apropriada pelos estágios do desenvolvimento, resulta numa estrutura melancólica que efetivamente encerre esse objetivo e esse objeto no espaço corporal ou “cripta” estabelecida por uma negação permanente. (Butler, 2003, pp. 125-126)

Observa-se aqui uma relação – mesmo que indireta – da autora com Ferenczi, uma vez que ela se refere às noções de incorporação e cripta, sendo este último um conceito de Abraham e Torok relativo a problemáticas do processo de simbolização. Tais teorizações estão ancoradas na perspectiva ferencziana da constituição egóica, mais especificamente em sua teorização sobre o processo de introjeção. Os autores pensarão a incorporação exatamente como a falha da atividade introjetiva.

Em nosso trabalho, o importante é salientar a correlação entre um funcionamento melancólico e a internalização de uma lei não assumida como tal, tendo, portanto, a função de *desmentido social*.

Paul Preciado pensa em uma modalidade de repressão em que todos os funcionamentos não ancorados à lógica binária dos gêneros serão atacados. E o pensamento psicanalítico não estaria livre dessa influência, podendo ter a função, inclusive, de *normatização* da vida sexual.

A esse respeito, Preciado faz o seguinte comentário:

Todos os aspectos terríveis e assustadores da transexualidade dizem respeito não ao processo de transição em si, mas à forma como as fronteiras do gênero punem e ameaçam matar aquele que tenta ultrapassá-las. Não é a transexualidade que é assustadora e perigosa, mas o regime da diferença sexual. (Preciado, 2022, p. 43)

A transição representaria algo maior do que a mudança de uma identidade para uma outra, mas o direito à mutação, ao movimento. Desse modo, afirma:

Prefiro minha nova condição de monstro à de homem ou mulher, porque ela é como um passo que avança no vazio, indicando a direção de um outro mundo. Não falo aqui do corpo vivo como um objeto anatômico, mas como aquilo que chamo de 'sodateca', um arquivo político vivo. (Preciado, 2022, p. 36)

Mais adiante, Preciado problematizará as fronteiras que regem a lógica das identidades: “O migrante perdeu o Estado nação. O refugiado perdeu a casa. A pessoa trans perdeu o corpo. Todos eles perderam a fronteira. A fronteira os constitui e os atravessa, os destitui e os derruba” (2022, p. 37). E, logo depois, complementa: “(...) a migração traz sempre problemas, seja praticada entre corpos e almas ou entre estados” (2022, p. 70).

Assim, a subjetividade trans vai subverter a lógica identitária, ancorada na lógica da diferença sexual ancorada no binarismo. E faz uma previsão sobre o paradigma calcado no binarismo heteronormativo: “A masculinidade e a feminilidade normativas, a heterossexualidade e a homossexualidade, tal como imaginadas no século XIX, entraram em um processo que, se não pode ser chamado de colapso, deve, pelo menos, ser qualificado de desconstrução” (Preciado, 2022, p. 45).

A respeito do papel do analista e sua ética, Preciado assinala a importância de sua dimensão política: “Diante de uma psicanálise despolitizada, precisamos de uma clínica radicalmente política, que comece por um processo de despatriarcalização e de descolonização do corpo e do aparelho psíquico” (2022, p. 61). E, mais adiante, complementa: “Apelo ardentemente a uma transformação da psicanálise à emergência de uma psicanálise mutante, à altura do paradigma que vivemos” (p. 90).

POR UMA ARTICULAÇÃO DA PSICANÁLISE COM A REALIDADE BRASILEIRA

Conforme temos visto em nosso percurso, colaborar para a emergência dos sofrimentos silenciados é um norte da ética psicanalítica na atualidade. A expressão “maiorias minorizadas”, utilizada por Birman, é bem-apropriada para pensar sobre a opressão contemporânea, já que ela se aplica a diferentes coletividades, de diferentes características e dimensões. Tal expressão foi utilizada na Jornada de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, em 2022.

Inúmeras modalidades de opressão, como o racismo, o etarismo, a misoginia, o machismo, entre outras tantas formas de opressão hoje, podem ter mais espaço na cultura. A verbalização de tais termos é uma maneira de retirar o caráter traumático destas opressões, uma vez que deixam de ter a função de desmentidos sociais. Entendo que o uso destes termos compõe nosso cotidiano clínico hoje. É uma forma de aproximação da realidade que nos cerca e que, há tanto tempo, é negada: a de que somos um país *fraturado*.

Paulo Eduardo Arantes (2009, pp. 201-202) faz uma interpretação da lógica do *país do futuro* como uma negação de nossas mazelas, cuja consequência mais dramática seria nos levar a um estado de cristalização do caos. Produz-se, assim, no coletivo, uma dinâmica semelhante à dinâmica da progressão traumática, na qual somos forçados ao amadurecimento sem que, no entanto, disponhamos de condições para tal. Com isso, seríamos levados a ser não uma referência positiva para o mundo, mas, ao contrário: seríamos um *antiexemplo*. Um modelo de caos a ser exportado e copiado para além de nossas fronteiras.

Nesse processo de desconstrução, o que é possível estar sendo desconstruída é a ideia de um país pacífico e tolerante. O Brasil é um país de inúmeros conflitos e, desde a colonização, se opera um falso discurso de tolerância com o objetivo da manutenção das antigas opressões. Nossas rebeliões foram silenciadas com o intuito de manter as tiranias de outrora. Capítulos da história, como a Proclamação da República e a Abolição da Escravatura, podem ser revistos e compreendidos como “jogos de cena” que mantiveram a desigualdade e a dominação.

E, seguindo este olhar crítico sobre a coletividade brasileira, agora ater-me-ei às denúncias provindas de populações que, há muito tempo, têm sido alvos de um sistemático extermínio em nosso país: refiro-me aos povos originários. Deter-me-ei, aqui, sobre alguns autores importantes do pensamento indígena na atualidade.

OLHARES CONTEMPORÂNEOS ORIUNDOS DA PENSABILIDADE INDÍGENA

Para Krenak, o cerne do sofrimento contemporâneo estaria na dimensão utilitária e objetiva da vida no paradigma neoliberal:

A vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. (Krenak, 2020, p. 71)

Essa experiência da fruição é um dos grandes legados do trabalho em questão de Krenak. Trata-se de uma modalidade de resistência que reside exatamente em uma experiência de interioridade que a performatividade busca impedir. De acordo com Krenak (2020): “Escapar dessa captura, experimentar uma existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida, cria um lugar de silêncio interior” (p. 71).

EM BUSCA DE UMA OUTRA TEMPORALIDADE

Debrucemo-nos agora sobre o modo como o pensamento indígena entende a dimensão temporal. Aludimos aqui a uma outra temporalidade, distinta da temporalidade da sociedade de consumo.

Sobre esta questão, comenta Krenak:

Acredito que nossa ideia do tempo, nossa maneira de contá-lo e de enxergá-lo como uma flecha – sempre indo para algum lugar – está na base do nosso engano, de nosso descolamento da vida. Nossos parentes Tukano, Desana, Baniwa contam história de um tempo antes do tempo. Essas narrativas, que são plurais, os maias e outros ameríndios também têm. São histórias de antes desse mundo existir e que, inclusive, aludem a sua duração. (Krenak, 2020, p. 71)

Munduruku (2021), a esse respeito, assinala:

A gente olha apenas o passado e o presente. Entre os indígenas não existe a palavra futuro. Eles nomeiam as coisas a partir da experiência vivida. Como não se experimentou o futuro, não existe uma palavra que o nomeie. Não existe essa ideia de futuro. Claro que cada povo tem a sua dinâmica de compreensão cosmogônica. Mas costuma ser assim. O passado é fundamental porque é o tempo da memória, é essa memória que vai dizer quem eu sou e o que eu faço nesse mundo.

Munduruku (2021) afirma que não faz sentido perguntar para a criança indígena o que ela será no futuro, pois ela já é tudo o que ela deveria ser. E acrescenta:

[...] ela é criança e precisa viver essa estação plenamente. Brincar. Ela não vive o tempo pensando no que vem pela frente. Ela vive o tempo onde ele está. O inverno não precisa ser outra coisa a não ser inverno. Ele não tem saudade do outono que se foi.

E é exatamente esta captura neste tempo do amanhã que impediria a fruição do presente e da própria possibilidade de viver o tempo como etapa inerente a seu momento de vida, fundamental para seu processo de subjetivação.

O cerne da incapacidade contemporânea de fruição está centrado exatamente na forma como a vida é encarada na lógica contemporânea neoliberal, na qual somos presos à lógica da produtividade e da performance.

Sobre isso, Munduruku (2021) ressalta: “Por que aceitar um tempo que não nos pertence? Um tempo que é pura ficção? Um tempo que promete felicidade, riqueza, paz, descanso, aposentadoria, enfim, o paraíso? Um tempo que nos oferece futuro?”

POR UMA OUTRA MITOLOGIA DO ERÓTICO

Ainda sobre o pensamento indígena, questiono se toda a transmissão oral – um dos alvos de sua estigmatização – não só não deva ser tratado de modo algum como expressão de qualquer atraso, mas talvez seja a base para ampliação de uma dimensão relacional que aqui buscamos esboçar.

Sobre esse ponto, cito a bela passagem de Josely Vianna a respeito da mitologia dos Mbya-Guarani:

[...] a fonte da fala (Ayvu rapyta: ayvu - linguagem humana. Apyta: base, alicerce.) O fundamento da linguagem humana, a fonte da fala, é a palavra alma originária, aquela que nossos primeiros pais repartiriam com seus numerosos filhos ao enviá-los à morada eterna, para se erguerem e nascerem, conforme relato do cacique Pablo Vera. (Vianna, 2011, p. 60)

E, mais adiante, complementa Vianna:

O conceito de palavra-alma é central na mitologia dos Mbya. Vimos como se descreve a criação da linguagem pelo deus supremo, sendo ela, portanto, de origem divina, embrião da palavra-alma que os deuses enviam a terra para 'habitar' um recém-nascido. (Vianna, 2011, p. 62)

As belas imagens de Josely Vianna sobre a mitologia dos Mbya-Guarani nos dão pistas para a construção de uma palavra-alma, responsável pela possibilidade da chegada de alguém ao mundo. É um primeiro esboço para outras mitologias do erótico.

Cabe frisar que a autora também foi a tradutora para a língua portuguesa da obra fundamental de Popol Vuh, que trata do mito da fundação da cultura maia, tal como *Gilgamesh* (uma das mais antigas obras de que se tem notícia acerca da literatura épica), e a *Odiseia* de Homero (a conhecida epopeia grega). Todas elas são mitologias de origem de suas respectivas culturas.

FERENCZI E O ERÓTICO

Em outro trabalho, fiz uma investigação pormenorizada acerca da conceituação do ego em Ferenczi para a compreensão da vida psíquica contemporânea, atravessada pela virtualidade digital. Quero aqui apenas destacar um aspecto relativo ao seu processo de constituição, formado a partir de um movimento de diluição. Ao contrário do ego freudiano, o ego ferencziano *se espalha, se alarga* a partir da experiência erótica. Segundo Mezan (1996, pp. 91-120), enquanto o ego freudiano aumentaria de densidade a partir das experiências relacionais, o ego ferencziano aumentaria de perímetro frente às mesmas.

Não à toa a constituição egóica em Ferenczi se articula radicalmente com a experiência transferencial, experiência erótica por excelência, matriz do alargamento ou da contração do ego. O autor pensa o ego

como uma instância permanentemente *porosa* às boas e más experiências relacionais (aos bons ou maus encontros).

Entendo ser possível relacionar tal ideia com a hipótese do erótico assinalada por Bataille, em que este seria, sobretudo, “uma experiência de vida interior”. Han contribui com o tema ao assinalar a impossibilidade de uma experiência de contato consigo mesmo na atualidade, exatamente por conta da quase obrigatoriedade de manter-se continuamente de olhos abertos face a uma cultura digital de cunho radicalmente exibicionista. O erótico, como tão bem assinalara Han, remete-se principalmente a uma experiência de radical abertura, de vulnerabilidade frente ao outro, em oposição ao isolamento narcísico fomentado pela lógica algorítmica da cultura contemporânea, que nos estimula a ficar encapsulados na lógica do igual.

Em suma, minha perspectiva do erótico se baseia não na lógica do igual, mas, ao contrário, parte da perspectiva da *diferença*. Entendo Eros sobretudo como a atividade responsável pela vivência da radical *alteridade*. A própria relação analítica é enfocada aqui a partir desta perspectiva: a de que sempre *há dois* na relação analítica, a despeito dos diferentes papéis do par transferencial. E esse encontro (decorrente do *choque* entre duas subjetividades) se configuraria como um leme fundamental ao trabalho analítico.

Para circunscrever aquilo que denominei como o *segundo mal-estar*, voltaremos ao pensamento ferencziano, a saber, a ilusão de autonomia do humano em relação à natureza: talvez a maior ameaça que paira sobre nós e sobre o mundo em que habitamos.

FERENCZI E SUA LÓGICA UTRAQUISTA: POR UMA MITOLOGIA DO VIVENTE

O pensamento ferencziano nos oferece uma concepção do originário, em que homem e natureza se fundem, ao contrário da ideia de divórcio entre ambas, que, por sua vez, pautou o pensamento freudiano. A hipótese ferencziana acerca da regressão *thalassica* alude a memórias – tanto no eixo da filogênese como da ontogênese – de experiências arcaicas às quais não haveria a necessidade de adaptação.

A respeito desse ponto, Luís Claudio Figueiredo (2008, pp. 201-202) comenta: “Cabe aqui não mais falar em estado nirvânico, mas em estado

edênico no qual se mergulha em uma existência paradisíaca onde não havia lutas, somente crescimento e desenvolvimento, sem a necessidade de qualquer esforço”.

Seja na vida nos oceanos antes da catástrofe da secagem, seja no líquido amniótico da vida intrauterina, o que está em questão é um originário em que vigora a hipótese de uma vida sem necessidade de adaptação, mas de pura *continuidade*. Trata-se de um originário no qual predomina uma mitologia não apenas do humano, mas do vivente.

A lógica utraquista nos auxilia para a construção de uma pensabilidade não dualista, em que corpo e psíquico se fundem em uma grande unidade. Ao formular ideias como recalamento orgânico, inconsciente corporal, entre tantas outras, Ferenczi aproxima “as ciências da natureza das ciências do espírito”, para produzir um novo saber definido pelo autor como a *bioanálise*.

Em última instância, entendo que há um paralelo possível entre uma concepção do originário, em que linguagem e natureza se fundem, ao contrário do divórcio natureza/cultura que pautou o pensamento freudiano. Ferenczi, ao contrário, pensador monista, pensará em um originário não referente à morte, mas sim à vida, a partir de sua hipótese de uma regressão *thalassica*. Uma vida que se remete a uma dimensão relacional entre todos os seres, da mesma forma que o originário ferencziano remete a uma vida sem desejo, embora marcada por uma radical processualidade. Acredito, então, que o pensamento indígena pode contribuir para uma concepção da psicanálise que não seja atravessada pelo divórcio natureza/cultura. Uma mitologia não pautada no desamparo, mas no amparo. Volto à ideia de uma lógica psicanalítica pautada não na falta, mas no encontro.

E, retomando a lógica utraquista, um de seus subprodutos é a *anfimixia*, caracterizada por uma sexualidade mais múltipla, em que se pressupõe a existência de distintos erotismos, qualitativamente diferentes, responsáveis pela constituição da personalidade. Tal hipótese é distinta da aceção freudiana da sexualidade, em que vigora um erotismo único e disperso a ser aglutinado sob o primado do genital. Essa hipótese é de grande importância para pensar a multiplicidade na clínica contemporânea.

CONCLUSÃO

É necessário pensarmos em uma ética clínica que se esquivar de qualquer ação normativa. É dever do analista contribuir com seus analisantes não só no acolhimento de seu sofrimento, mas também com vistas à legitimação das diferentes modalidades de opressão. Nosso trabalho se direciona, sobretudo, para a construção de um espaço que permita a afirmação das subjetividades penalizadas por distintas opressões culturais, tais como racismo, transfobias, etarismo, machismo, entre tantas outras formas de violência. São narrativas que, na atualidade, podem ter mais voz, desde que o analista, com *tato*, possa legitimá-las no trabalho analítico.

Contudo, para que isso seja possível, é preciso que o analista possa examinar seus preconceitos derivados desses mesmos desmentidos. Nossos analisandos, aliás, costumam nos ensinar enormemente sobre novas modalidades de existência, desde que estejamos *porosos* a elas. Estar aberto a novas configurações subjetivas é uma das obrigações do analista hoje, de modo a lapidar uma escuta mais sintonizada ao contemporâneo. Para tal, é preciso que façamos contato com nossos preconceitos das mais variadas ordens. Entender que todo e qualquer inconsciente é submetido a normas sociais (ainda mais aquelas que são desmentidas) é a base para uma efetiva *escuta estrangeira*.

E o analista, mais do que um agente de escuta da singularidade do indivíduo, é o agente de escuta do social, tendo uma função inegavelmente política em sua prática. A partir do padecimento a nós endereçado pelo analisando, podemos dar voz ao social, uma vez que os sofrimentos repetidos no *setting* são sempre expressão de algo mais amplo.

Nesse sentido escutar, por exemplo, a solidão na clínica nos concede a possibilidade de refletir sobre a sociedade da qual participamos: uma sociedade marcada por uma profunda desconexão com o mundo que a circunda. Toda a teorização aqui esboçada visa tecer um pensamento psicanalítico que problematize o caminho que estamos trilhando e, mais além, possa visar a outros rumos onde *Eros* se afirme mais intensamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Escuta.
- Arantes, P. (2009). *A fratura brasileira do mundo*. Oca Editorial.
- Avelar, A. (2020). *Uma revisão sobre o conceito de ego na clínica contemporânea*. Cadernos de Psicanálise (Vol. 42), (43), 173-188.
- Bataille, G. (2020). *O Erotismo*. Autêntica.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero*. Civilização Brasileira.
- Ferenczi, S. (1992). A adaptação da família à criança (Vol. IV). In *Obras Completas*. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1928).
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. (Vol. IV). In *Obras Completas*. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933).
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões sobre o trauma. In *Obras Completas*. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934).
- Ferenczi, S. (1992). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In *Obras Completas*. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1924).
- Ferenczi, S. (1992). Transferência e introjeção. In *Obras Completas*. Martins Fontes. (Obra original publicada em 1912).
- Figueiredo, L. C. (2008). Ética e Técnica em Psicanálise. Escuta.
- Freud, S. (1974). Além do princípio de prazer. (Vol. XVIII). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (1974). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. 24 v. (Obra original publicada em 1924).
- Freud, S. (1974). O Ego e o Id. (Vol. XIX). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1974). Esboço A. Etiologia das neuroses atuais. (Vol. I). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1892).
- Freud, S. (1974). Esboço B. Etiologia das neuroses. (Vol. I). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1893).

- Freud, S. (1973). O mal-estar na civilização. (Vol. XXI). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1930 [1929]).
- Freud, S. (1974). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. (Vol. VII). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (1974). Rascunho G: Melancolia. G. (Vol. I). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1892).
- Freud, S. (1974). Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos. (Vol. XX). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [ESB]. Imago. (Obra original publicada em 1925/1926).
- Green, A. (2024). *A loucura privada: Psicanálise de Casos-limites*. Escuta.
- Han, B. C. (2017). *Agonia do Eros*. Vozes.
- Han, B. C. (2021). *Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo*. Vozes.
- Han, B. C. (2005). *Sociedade do Cansaço*. Vozes.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Mezan, R. (1996). O símbolo e o objeto em Ferenczi. In Katz, C. H. (Org.). *Ferenczi: história, teoria, técnica* (p. 91-120). 34.
- Munduruku, D. (2021). *Entrevista com Daniel Munduruku*. Recuperado em: 20 de julho de 2023, de <https://estadosgeraisdacultura.art.br/tag/daniel-munduruku>
- Preciado, P. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Jorge Zahar.
- Vianna, J. (2011). *Roça barroca*. Cosac e Naify.